



JOÃO DOMINGOS

"Marrabenta não precisa de exotismos"

**TEXTO DE PAULO SÉRGIO
FOTOS DE NAITA USSENE**

Para o músico João Domingos, membro fundador do conjunto do mesmo nome, a marrabenta é um ritmo que comporta quase todos os ritmos tradicionais moçambicanos. Não se compadece com exotismos ou inovações ritmicas e musicais que visam apenas o

comércio da recreação cultural. Nos anos 60, quando o seu conjunto estava no auge da actividade musical, a marrabenta teve inimigos que a combatiam e a renegavam, muito embora fossem moçambicanos.

Não obstante o facto de o conjunto «João Domingos» ser um daqueles agrupamentos musicais da velha guarda da música ligeira moçambicana surgido nos finais dos anos 50, ele permanece actuante e actual dada a sua crescente intervenção artística no meio musical do nosso país. Formado por amigos que aproveitaram a corrente da moda da sua época recreativa, para o designar primeiramente **Hulla Hoop** e mais tarde de **João**

Domingos por este ter sido um dos preponderantes instrumentistas do grupo. Mas, como o próprio João Domingos revelou, «a imposição do meu nome para o grupo teve muito a ver com o facto de «eu ter demonstrado uma preocupação mais acentuada pelo futebol do que pelos ensaios e criatividade musical». Os colegas acharam que ao colocar o seu nome como cognome do conjunto contribuiria para o obrigar a ser mais activo e

mais responsável pela vida artística que cimentavam.

O líder do conjunto era o Gorzana e a ele coube o papel de a partir de 1959 segurar os alicerces em que assentava já o conjunto «João Domingos», que teve de emergir no meio dum ambiente de movimentação cultural que o nosso entrevistado considerou de «fabuloso, muito embora se ganhasse uma miséria». No entanto, adiantou, «foi necessário juntar dinheiro

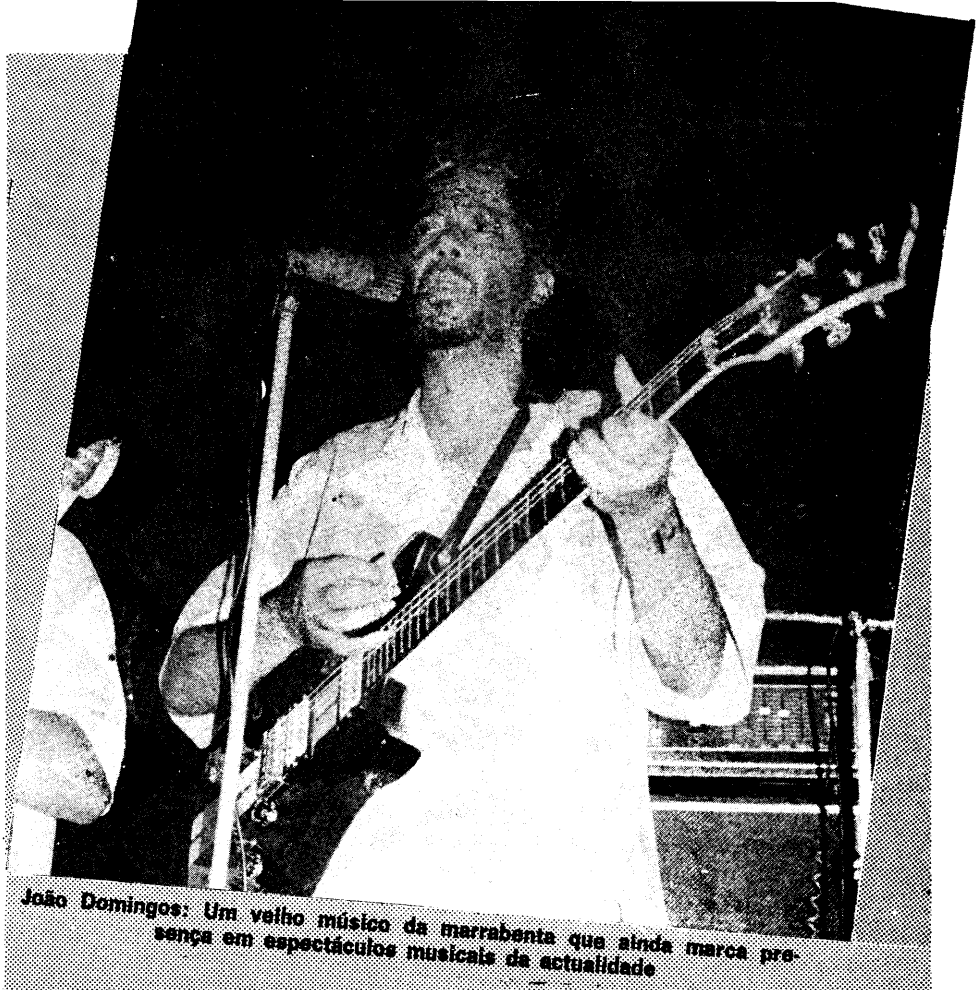
fazendo economias para comprar a aparelhagem sonora que ainda temos hoje. Essa aparelhagem foi comprada na cidade de Lourenço Marques onde havia casas como a Poliarte e a Somorel que vendiam equipamentos para a prática musical.

Para João Domingos, «a aposta feita muito cedo pela música de raiz rítmica e cultural do nosso país deve-se à origem popular dos componentes do conjunto» e à sua em particular pois como ironizou, «eu nasci e cresci no mato. Vivi a música. E fiquei espantado ao chegar à cidade e não encontrar nada do que tinha visto e compartilhado lá em Inharrime», na província de Inhambane.

Havia algumas coisas de ritmos e danças típicas de Moçambique que eram aqui e acolá executadas, mas na prática, como afirmou João Domingos, «não havia nada divulgado». O aparecimento do seu grupo com esses ritmos e danças despertou o interesse público pelo nosso folclore. Daí que amigos e poetas como José Craveirinha e Luís Polanah tenham achado melhor dar apoio moral ao conjunto «João Domingos», do qual já tinham ouvido falar e inclusive assistido às exibições por ele feitas. E, na sequência desse apoio, aquele conjunto pôde estar ligado de certa maneira à Associação Africana, cujas instalações se encontravam no Alto-Maé.

NA SENDA DE OSSMAN VALGY

Quem tenha nascido em Inharrime, ou pelo menos conhecido essa região, sabe da existência de melodias e orquestras de som chope da **timbila** e do **xinveka** (flautas feitas de canos de bambu). Precisamente por isso só, os chopes são alguns dos mais representativos intérpretes da nossa música tradicional. O estado de infância passada ali na vila proporcionaram a João Domingos um **nerve** musical que o levou a si e aos seus companheiros de arte a serem reconhecidos na arena da produção musical com a exploração de um dos mais conhecidos ritmos tradicionais do Sul de Moçambique: a



João Domingos: Um velho músico da marrabenta que ainda marca presença em espectáculos musicais da actualidade



A dança da marrabenta sempre acompanhou as exibições do conjunto «João Domingos». Na foto, vêem-se o grupo de dançarinos que se celebrizou com o conjunto

marrabenta ou madjika que, como explicou aquele artista, «naquela época chamava-se zukuta».

A **zukuta** dominava o cenário do

entretenimento e, como disse João Domingos, «eu já cantava zukuta, embora não soubesse lá muito bem como ela era dançada. Sabia das

«Foi necessário juntar dinheiro fazendo economias para comprar a aparelhagem que ainda temos hoje»



brincadeiras com o **xinveka** tocado em grupos de vinte ou trinta músicos a emitir música que era um recheio de sons de múltiplas notas». A **zukuta** que veio depois a descambar em **marrabenta**, segundo o nosso entrevistado, «era executada em Inharrime, tal como havia os «msahos» nos quais se elegiam os melhores timbaleiros ou instrumentistas e os melhores dançarinos e dançarinas». A **marrabenta** não era desconhecida ali e assim a militância de João Domingos e o seu grupo no movimento de **marrabenta** que envolvia a então Lourenço Marques não foi estranha nem difícil. Correspondeu até ao seguimento do trilho iniciado pelo compositor e intérprete chope da **marrabenta** que foi Ossman Valgy, autor de **Zavala-Toté**, «que não era das melhores composições suas. As outras não são conhecidas porque simplesmente ficaram com ele». Como Ossman Valgy havia outros artistas chopes que se serviam de violas para criar melodias de **zukuta** ou **marrabenta**.

A **marrabenta** acabou por se localizar em Maputo, quer em termos de execução, quer de divulgação, por motivos que cabem por um lado à novidade que consubstanciava em termos coreográficos e rítmicos e, por outro, à sua viabilidade em termos comerciais

pois como apontou João Domingos, «músicos e bailarinos pegaram-na para fins artísticos e divulgaram-na em espectáculos que eram convidados a oferecer. Na província da Zambézia há uma dança que por razões linguísticas toma outro nome, mas que é pelo seu expressionismo e compasso uma **marrabenta**. Entra no ritual da iniciação feminina».

UM ABRIGO NA ASSOCIAÇÃO AFRICANA

Para muitos músicos moçambicanos dos anos 60 «a nossa música tinha de ir para a frente», revelou João Domingos que acrescentou ainda o facto de «agregações como a Associação Africana terem oferecido recintos para ensaiar sem que fosse necessário pagar». Havia motivação pessoal e colectiva para a defesa e difusão do que é culturalmente nosso. Como referiu aquele músico, «de um lado estava a catalisação de um José Craveirinha e doutro a animação de um Samuel Dabula». Surgiram assim três conjuntos que se entregavam com todo o frenesim no tocar e cantar da **marrabenta**: **Harmonia**, **Djambo** e o conjunto «**João Domingos**», que, segundo as palavras do nosso interlocutor, «trabalhavam sem rivalidades e, por isso, trocavam experiências em en-

contros regados de cajual e uca-nhu» — **Coisa** que não acontece hoje porque, observou João Domingos, «não há unidade de classe entre os músicos!»

Segundo João Domingos, «no princípio, não foi fácil porque houve barreiras que, contrariamente ao que se pode pensar, não eram impostas pelas estruturas coloniais, mas sim pelos presidentes de clubes como o Atlético e o Desportivo». As autoridades tinham um interesse especial em que a música de raiz cultural moçambicana **andasse**, tendo para o efeito favorecido a sua divulgação junto do Centro de Informação e Turismo que, «proporcionou alguns passeios até à Rodésia (hoje Zimbabwe) em 1962. Mas nessa altura não podíamos tocar no Atlético porque «ficava muito mal» dizia-se». A **marrabenta** era considerada música de pretos e estava banida dos palcos de clubes desportivos da época. Assim, afirmou João Domingos, «houve uma **guerra** entre aqueles que criavam a **marrabenta** e a queriam divulgar e aqueles que a renegavam ou desprezavam até que surgiram oportunistas que, por verem que já entrávamos no Hotel Polana, armavam-se em empresários e disputavam-se a promover os nossos espectáculos. Estávamos prevenidos



Conjunto «João Domingos» numa actuação que abrilhantou o Car. naval-88

e não nos deixámos aldrabar e explorar».

DETURPAÇÃO DA MARRABENTA É ANTIGA

Para a propagação de composições de marrabenta contribuíram não só as actuações públicas, mas também os programas de radiodifusão no então Rádio Clube. Houve programas como **África à Noite** e **Um conjunto por Semana** em que os agrupamentos musicais moçambicanos apareciam com as suas canções tendo chegado a haver em 1959, no Clube Ferroviário, um concerto em que apareceram a exhibir-se os conjuntos **Harmonia**, **Djambô** e **João Domingos** que, como lembra o nosso entrevistado, «não tocaram só a nossa música mas também alguma música comercial porque as pessoas ainda não estavam totalmente preparadas para escutar apenas marrabenta». Mais espectáculos houve e um deles em

1961 no Teatro Scala, contou não só com a marrabenta mas também com os marimbeiros de Zavala o que levou à apoteose o espectáculo.

Segundo João Domingos, «as cenas de marrabenta que hoje existem entre nós têm uma ligeira deturpação. Isso faz-me lembrar que quando estávamos no auge da interpretação da marrabenta, entre os anos 1965 e 1967, apareceu um **clube** dirigido por Lisboa Matavele, no Xipamanine, e que explorou a marrabenta para fins lucrativos. Essa ideia pecou, no entanto, pelo facto de a coreografia dessa marrabenta ter sido diferente daquela que era muito conhecida e divulgada».

Na opinião daquele músico a recordação da marrabenta espectáculo(?) do Lisboa Matavele, «é cada vez mais presente pelo facto de a Orquestra Marrabenta Moçambique ter buscado exactamente os mesmos defeitos que vi na coreografia daquele sujeito que ape-

nas queria fazer a sua vida explorando uma arte de dançar, os seus executantes e intérpretes», aspecto que depois se tornou corrente em cabarés da então cidade de Lourenço Marques.

João Domingos diz que não concorda com os moldes actuais tanto técnicos como estilísticos sob os quais o corpo de baile da Orquestra se exhibe porque «deturpa o valor cultural da marrabenta». Contudo, disse que «no capítulo orquestral ou musical o grupo corresponde àquilo que se pretende em termos de música ligeira moçambicana produzida com base na marrabenta. A dança em si, a imagem de **baile** que apresenta cá dentro e no estrangeiro é que não é verdadeira». O exotismo que possui equipara-se àquele que o tal Matavele impunha aos seus bailarinos e bailarinas. Há exagero como se o interesse fosse o de chamar a atenção dos turistas. A nossa música, como sublinhou João Domingos, «não necessita de exo-



Um par de executantes de marrabenta interpretada pelo conjunto «João Domingos». Reconhece-se Ilana Teju que é uma das activas bailarinas daquele agrupamento musical

tismo e entusiasmo alheios a ela e às suas danças. Uma prova disso é a música de Fany Pfumo e de Mahikwanhane que catalisava atenções de toda a gente sem ferir a tradição cultural e artística da sua origem rítmica. A nossa música tem muita aceitação. A música de Mahikwanhane, por exemplo chegou até a ser indicativo da chamada **Hora Nativa** do Rádio Clube».

Para João Domingos, «um exemplo de música de marrabenta de raiz tradicional reside no **Grupo RM**». Este grupo musical, como lembrou aquele artista, «surgiu nos finais dos anos 70 a produzir composições de ritmo denominado afro mas como não alcançou o sucesso que ansiava acabou por regressar às suas origens culturais e fazer uma música que vale do ponto de vista rítmico em tanto que música moçambicana». Hoje, a nível de música ligeira o **Grupo RM** (que constitui a base orquestral da **Orquestra Marrabenta Moçambique**)

«é o mais representativo do nosso país porque assenta a sua produção artística na nossa identidade cultural e rítmica».

Considerando que entre nós existem já agrupamentos musicais que trabalham seriamente na produção musical com base em ritmos nacionais, João Domingos referiu que «é importante repensar-se nas condições em que hoje se grava nos estúdios, quer para a radiodifusão, quer para disco, pois se houver contratos de trabalho que valorizem financeiramente os artistas, a qualidade da música ligeira moçambicana vai ser a melhor e ganhará mais e novos mercados internacionais, onde já é conhecida». Para o efeito também contribuiu a marrabenta que em 1973 e 1985 esteve em festivais de música africana em Portugal.

A dado passo da entrevista João Domingos advogou que «a marrabenta é a síntese dos ritmos moçambicanos. Todos os ritmos tra-

dicionais do nosso país cabem dentro duma marrabenta, o que não sucede com géneros orquestrais e de dança como o chachachá, a rumba, o som e o merengue por exemplo, que são ritmos que não cabem em qualquer outro compartimento musical porque são ritmos completamente diferentes».

A marrabenta, que para uns emergiu da zukuta e para outros da madjika, segundo aquele músico, «pode ser tocada num xigubo, ou num sarau de nfena ou ngalanga por ser um ritmo que não destoa». João Domingos acentuou o facto de o seu conjunto se ter tornado conhecido no panorama musical nacional não apenas devido à interpretação de um ritmo tão balanceado e alegre como a marrabenta mas «pelo facto de ter mantido um grau constante de pesquisa, estudo, ensaio e interpretação de composições cujo conteúdo se baseava em temas do dia-a-dia das pessoas, os seus problemas e aspirações».

O conjunto **João Domingos** sempre teve a ânsia de respeitar um dos valores rítmicos do nosso património tradicional de música e dança. Daí que muitos dos temas musicais ora conhecidos pelo público tenham sido o resultado de adaptação de obras antigas criadas por velhos músicos da marrabenta. Outros temas novos há que o conjunto por si só produziu. São temas saídos da vontade de criticar, educar e até de gacejar com uma situação ou realidade social que muitas pessoas tenham testemunhado ou pelo menos ouvido falar sobre ela. Hoje, porém, como observou João Domingos «os jovens intérpretes de composições feitas com base na marrabenta e até outros ritmos tradicionais do nosso país, têm a preocupação de enaltecer a harmonia e a melodia musicais, mesmo que isso represente uma traição ao ritmo original moçambicano e entre em choque com a letra desta ou daquela canção que dão a ouvir». Segundo aquele artista, «as obras musicais mais perfeitas que temos entre nós ainda residem nessas inúmeras canções tradicionais e na chamada música popular»

□